



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO

RAFAEL ACOSTA MARTINS

**De frente com Acosta:
podcast sobre as transformações na cobertura esportiva**

Porto Alegre
2018

RAFAEL ACOSTA MARTINS

**De frente com Acosta:
podcast sobre as transformações na cobertura esportiva**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado à Faculdade de Comunicação Social do Centro Universitário Ritter dos Reis como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Ms. Mariana Oselame

Porto Alegre
2018

Dedico esta monografia ao meu avô
Euclides Acosta (*In memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Durante esses cinco anos de faculdade, ninguém me deu tanto apoio e incentivo, sendo fundamentais e contribuindo de todas as formas para que eu chegasse neste momento, do que os meus pais. Portanto, agradeço em primeiro lugar a eles. Durante toda a minha vida estiveram do meu lado e me apoiando em todas as decisões tomadas, ajudando a me tornar em sou hoje. Muito obrigado Carlos Héber dos Santos Martins e Joana Jussara Acosta Martins por todos valores e ensinamentos que vocês me passaram durante meus 23 anos.

À minha irmã, que mesmo ainda não tendo a dimensão o que ela representa para a minha vida e a de toda a minha família, ela contribui diariamente para manter a harmonia e o amor dentro da nossa casa.

À minha namorada, Carolina Mello, que acompanhou de perto toda minha aflição e dificuldades enfrentadas durante a universidade. Meu mais sincero agradecimento por me entender e estar ao meu lado em todos momentos. Serei eternamente grato e estarei sempre presente para o que der e vier.

À minha avó, Zulmira Acosta, que me ajudou na minha criação e também foi fundamental para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje. Serei eternamente grato a tudo que fez e ainda faz por mim.

Aos meus primos e dindos, que estiveram ao meu lado durante esta caminhada, desejando-me êxito e preocupando-se pelo bom andamento dos meus estudos, me auxiliando sempre que era necessário.

Ao grupo de jovens PJC (Preparação de Jovens em Cristo), do qual faço parte desde 2013 e que considero sendo uma segunda família. Obrigado a cada um que integrou e ainda integra este grupo a que pertenço desde o ano que ingressei na faculdade, sempre me estimulando e dando forças para seguir em busca dos meus objetivos.

À minha orientadora, Mariana Oselame, que foi com quem mais me identifiquei ao longo desta caminhada e que considero ter sido a melhor escolha para construção do meu TCC. Seus conselhos e ensinamentos foram fundamentais, não só para este trabalho prático, como para o restante da minha trajetória. Agradeço pela paciência, compreensão e dedicação com que conduziste este processo, facilitando uma tarefa que poderia ter sido muito mais desgastante. Agradeço, por fim, por ter apostado em

meu potencial e na viabilidade deste trabalho.

Ao jornalista Silvio Benfica, que mesmo com todos seus compromissos diários, disponibilizou um tempo para me conceder entrevista e auxiliou na construção deste trabalho. Não tenho palavras para agradecer-lhe. O auxílio que me deu foi crucial neste trabalho de conclusão de curso.

A todos professores da Unisinos, universidade em que iniciei a graduação, e a todos da UniRitter, onde dei andamento aos estudos até concluí-los. Foi um prazer conviver com todos e levarei um pouco de cada um para a minha vida. Para não ser injusto, não nomearei a ninguém, mas fica aqui registrado que o conhecimento obtido através deles é o bem mais valioso que tenho. Não tenho dúvidas de que tive os melhores professores e sem eles não teria chegado até aqui.

Agradeço também a todos meus colegas e que em breve se tornarão colegas de profissão. Em especial, deixo meu agradecimento ao Alberi Neto, Aline Bisol, Eduardo Müller e Rarissa Grissutti, amigos que conquistei durante minha trajetória acadêmica dentro da UniRitter.

Finalmente, agradeço a toda minha família, que são a base de tudo que faço e os verdadeiros responsáveis por cada vitória e conquista que obtive. Espero dar apenas motivos para que se orgulhem de mim daqui para frente.

Muito obrigado a todos.

RESUMO

Este trabalho prático de conclusão de curso tem como propósito identificar as transformações existentes da cobertura esportiva, analisando as mudanças de linguagem e a influência da evolução tecnológica. A proposta apresentada é realizar uma série de podcasts que possam descrever os métodos e técnicas da cobertura em três épocas diferentes, baseados nos títulos do Grêmio de Foot-Ball Porto Alegre da Copa Libertadores da América, nos anos de 1983, 1995 e 2017. Para executar este projeto, foi entrevistado o jornalista Silvio Benfica, que trabalhou na Rádio Gaúcha durante 33 anos e exerce a profissão há 40 anos. O objetivo é entender a influência tecnológica, a adaptação da linguagem nas épocas e como os profissionais se adaptaram a uma nova era no jornalismo esportivo. Buscando embasar teoricamente este trabalho prático, foram utilizados autores como Barbeiro e Rangel (2006), Coelho (2011), Ferraretto (2014), Meditsch (2007), Traquina (2008), Unzelte (2009), entre outros. O conteúdo é em áudio e dividido em quatro podcasts, contextualizando a cobertura esportiva nas diferentes épocas. Sendo assim, o trabalho conclui que existe uma mudança na linguagem da cobertura esportiva, mas que essa mudança acontece de acordo com o perfil do profissional, e não apenas se adaptando com a preferência do seu público. Porém, as inovações tecnológicas acabaram modificando na forma da transmissão, facilitando o trabalho do jornalista.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo; Entretenimento; Radiojornalismo; Cobertura Esportiva.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cobertura da Copa de 1970	8
Figura 2 – Cobertura da Copa de 2018	9
Figura 3 – Jornal <i>Fanfulla</i>	12
Figura 4 – Jornal dos Sports	14
Figura 5 – Primeira edição do Jornal da Tarde, em 1966	14
Figura 6 – Imagem do QR CODE do podcast	29

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Roteiro do primeiro episódio	31
Quadro 2 – Roteiro do segundo episódio	32
Quadro 3 – Roteiro do terceiro episódio	34
Quadro 4 – Roteiro do quarto episódio	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 JORNALISMO ESPORTIVO	13
2.1 JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL	14
2.2 A SUPREMACIA DO FUTEBOL	17
3 ENTRETENIMENTO ESPORTIVO	20
4 RADIOJORNALISMO	23
4.1 A LINGUAGEM RADIOFÔNICA	24
5 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS	27
5.1 PRIMEIRO PROGRAMA: A PRIMEIRA LIBERTADORES GREMISTA	27
5.2 SEGUNDO PROGRAMA: O BICAMPEONATO TRICOLOR	28
5.3 TERCEIRO PROGRAMA: GRÊMIO TRICAMPEÃO DA AMÉRICA	28
5.4 QUARTO PROGRAMA: O QUE ESPERAR DO FUTURO DA COBERTURA ESPORTIVA	28
6 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO	29
6.1 ACESSO AOS PODCASTS	30
6.2 ROTEIRO DOS PODCASTS	30
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICES	42

1 INTRODUÇÃO

Durante o passar dos anos, o modo de fazer jornalismo foi mudando de acordo com as transformações da tecnologia e da sociedade. A informação começou a ser transmitida em diferentes mídias e para diferentes públicos. Com isso, cada meio teve que se adaptar para melhor transmitir o seu conteúdo, a fim de atingir o seu público. Barbeiro e Rangel (2006, p.12) defendem que a essência de fazer jornalismo não muda, pois está ligada diretamente às regras da ética e ao interesse público. De acordo com os autores, “jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet”.

Para cada conteúdo, uma forma de abordagem é escolhida, buscando atingir o maior número de pessoas que estejam interessadas no tema. O jornalismo esportivo tem por característica ser transmitido de uma forma mais leve, descontraída e buscando atender ao interesse do público, que muitas vezes busca a informação esportiva como entretenimento. Jorge e Valentim (2015) defendem que o conceito de informação esportiva “é diretamente relacionado ao ambiente e estrutura de organizações esportivas, ou seja, a informação pode ser compreendida, apropriada e usada de acordo com o sujeito organizacional que com ela está interagindo” (JORGE & VALENTIM, 2015, p. 187).

Os autores ainda citam que esse tipo de informação deve ser direcionada às demandas e necessidades do público. Visando isso, a linguagem do jornalismo esportivo acaba sendo mais leve, se comparada a editoriais que tratam de temas mais formais, como economia ou política, por exemplo. Porém, essa forma mais leve de abordagem do assunto não deveria desqualificar a informação. O jornalista esportivo, assim como qualquer outro, deve ser capacitado para entender o assunto e transmitir a informação de uma maneira mais compreensível para o público.

Além disso, as novas tecnologias abriram campos que foram cada vez mais explorados com o tempo. E o jornalismo esportivo passou por um processo de transformação nos últimos anos, especialmente no que se refere à cobertura e transmissão dos jogos de futebol. Até os anos 80 e 90, por exemplo, o jornalista tinha muito mais liberdade para fazer seu trabalho, podendo ingressar dentro do vestiário após as partidas para conseguir entrevistas com os jogadores. Com isso, a habilidade e qualidade do repórter, além da amizade com os atletas, determinava quem

conseguiria a melhor fala após um jogo importante.

Hoje, os clubes de futebol e jogadores estão cercados por assessores de imprensa que determinam quem irá falar e o que será dito, tirando a naturalidade do passado e os grandes depoimentos que ficaram marcados na história. Como citado por Barbeiro e Rangel, a essência do fazer jornalismo não mudou, o que foi alterado é como ele é feito e como é transmitido para o público.

Nos anos 70, por exemplo, era muito mais comum ver a presença de repórteres atrás do gol fazendo a cobertura e transmissão dos jogos ao vivo, como na transmissão da final da Copa do Mundo de 1970, disputada no México.

Figura 1 – Cobertura da Copa de 1970



Fonte: www.youtube.com/watch?v=y5zCrqvXaIM&t=624s

Já no último Campeonato Mundial, realizado em 2018, na Rússia, atrás das goleiras eram vistos apenas fotógrafos durante a partida, que deveriam ser credenciados pela FIFA (Federação Internacional de Futebol), organizadora do evento, para entrar em campo.

Figura 2 – Cobertura da Copa de 2018



Fonte: www.youtube.com/watch?v=BkISHKxyu_c&t=54s

Devido às diversas transformações nos meios de comunicação, sejam elas na linguagem com o público, na cobertura esportiva ou na abordagem do assunto nos meios, este projeto prático produziu podcasts que investigaram as mudanças que ocorreram na cobertura esportiva em três diferentes épocas do jornalismo, baseados nos três títulos da Copa Libertadores da América, conquistados pelo Grêmio de Foot-Ball Porto Alegre nos anos de 1983, 1995 e 2017.

Os podcasts tiveram o foco voltado para o Grêmio e essas conquistas pelo fato de que elas marcarem três épocas distintas do jornalismo, e por ser o clube gaúcho que foi o último vencedor da competição. Os programas lembram as trajetórias das conquistas e as mudanças na comunicação, sob o ponto de vista do jornalista Silvio Benfica, que também trouxe as principais mudanças que ocorreram neste período.

Este memorial descritivo trará em seu referencial teórico o Jornalismo Esportivo, o Entretenimento Esportivo e Radiojornalismo. Para o primeiro capítulo, serão utilizados autores como Alcoba (1999), Barbeiro e Rangel (2006), Bahia (1900), Coelho (2011), Messa (2007), Unzelte (2009) entre outros. No segundo, Albex Júnior (2001), Dejavite (2006), Padeiro (2013), Traquina (1993) e Traquina (2008). Já o terceiro contará com Ferraretto (2014), McLeish (2001), Meditsch (2007) e Teixeira e Silva (2010).

Nos Métodos e Técnicas Utilizados, apresentamos como foi produzido o material, detalhando os conteúdos de cada podcast e apresentando o objetivo alcançado com este trabalho. No capítulo que trata da Descrição do Produto, foi apresentada toda construção dos podcasts. Desde a escolha do entrevistado, o contato com ele e como foi feita a produção do material, além das razões pela escolha do tema e sua organização final.

2 JORNALISMO ESPORTIVO

Bahia (1990, p. 9) defende a prática do jornalismo como "apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, ideias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação". Essa forma de transmissão é feita através dos meios de comunicação de massa, os *mass media*, onde estão presentes a mídia impressa, rádio, televisão e a imprensa online. Na visão do autor:

A notícia é a base do jornalismo, seu objeto e seu fim. Através dos meios do jornalismo ou dos meios da comunicação direta ou indireta, a notícia adquire conteúdo e forma, expressão e movimento, significado e dinâmica para fixar ou perenizar um acontecimento, ou para torná-lo acessível a qualquer pessoa. A notícia tem no jornalismo o seu instrumento mais organizado, mais competente, mais ágil e mais eficiente de difusão. O fato de que o jornalismo tem por finalidade primária informar tão amplamente quanto possível dá à notícia uma função tão social quanto a da mídia (BAHIA, 1990, p.35).

O jornalismo tem o objetivo de oferecer ao seu público um retrato da sociedade em que ele está inserido. Essa talvez seja a característica que mais diferencia o jornalismo das demais profissões. Nelson Traquina (2005) defende que o jornalismo conta o que está acontecendo no mundo, respondendo às inquietações das pessoas. Ele o define como "uma atividade criativa, plenamente demonstrada, de forma periódica, pela invenção de novas palavras e pela construção do mundo em notícias" (TRAQUINA, 2005, p.22 *apud* ALMEIDA & RODRIGUES, 2015, p. 2).

A missão do jornalismo é nos fazer pensar e formar uma sociedade crítica com os acontecimentos do mundo. Pena (2005) cita que o jornalismo está inserido no medo do desconhecido e que, sem ele, viveríamos no obscuro e não evoluiríamos como seres humanos. Já Lippmann acredita que "os media são a principal ligação entre os acontecimentos no mundo e as imagens que as pessoas têm na cabeça acerca desses acontecimentos". (LIPPMANN, 1992, *apud* TRAQUINA, 2008, p. 15).

Para atender às necessidades das pessoas, devido às diversas transformações tecnológicas que ocorreram, o fazer jornalístico teve que se atualizar e aperfeiçoar com o passar dos anos. A linguagem, por exemplo, teve que se adaptar de acordo com as necessidades de cada meio. As diversas editorias também passaram a ter suas peculiaridades. Na política, por exemplo, é utilizada uma linguagem muito mais formal do que a utilizada no esporte, onde o tema pode ser tratado de uma maneira mais leve e, muitas vezes, informal. Assim como a editoria, o meio de onde é

reproduzido o conteúdo informado também influencia na linguagem como ele vai ser transmitido.

2.1 Jornalismo Esportivo no Brasil

Nos primeiros anos de cobertura esportiva, nem mesmo o futebol parecia ter potencial de ser um assunto para estampar manchetes nos jornais. Coelho (2011) conta que os primeiros registros de veículos que se dedicavam ao esporte foram em São Paulo, na década de 1910, no jornal *Fanfulla*. Esse periódico foi criado em 1893, dedicado aos imigrantes italianos que viviam na cidade.

Figura 3 – Jornal *Fanfulla*



Fonte: www.jornalfanfulla.com/paginas.asp?categoria=o-jornal

Foi por meio de um aviso despretensioso em uma das edições do *Fanfulla* que o público foi chamado a fundar um clube de futebol: o Palestra Itália, que no meio da Segunda Guerra Mundial passaria a se chamar Palmeiras. O *Fanfulla* é até hoje uma referência no que diz respeito ao princípio do esporte no país por trazer em suas edições informações sobre o futebol. Coelho (2011) relata que ainda sim tudo era feito a contragosto:

Não existia o que se pode chamar hoje de jornalismo esportivo. Mas não fossem aqueles relatos e ninguém jamais saberia, por exemplo, quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra. Nem do velho Corinthians, nem do Santos, nem que o futebol do Flamengo só nasceu em 1911, apesar de o clube ter sido fundado para a prática do remo 16 anos antes. A primeira cesta no Brasil, o primeiro saque. Tudo foi registrado. Tudo meio a contragosto. Porque nas redações do passado – e isso se verifica também hoje em dia – havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte (COELHO, 2011, p. 8-9).

Uma das razões para que o futebol não fosse tão popular à época era porque, até 1920, apenas os brancos praticavam o esporte. Contudo, três anos depois, o Vasco começa a mudar essa situação apostando na presença dos negros e sendo campeão da Segunda Divisão em 1923 e campeão Carioca em 1924. “Era a popularização que faltava. Os negros entravam de vez no futebol, tomavam a ponta no esporte” (COELHO, 2011, p. 9).

Foi apenas cinco anos antes da primeira Copa do Mundo, em 1925, que o futebol se tornou preferência nacional. Porém, o clube com maior número de títulos estaduais, o Paulistano, em razão dos cartolas acharem um absurdo pagar jogadores para praticar esse esporte, decidiu encerrar suas equipes de futebol. “Até hoje há quem pense assim. Julgam que o jogador de futebol ganha dinheiro demais para exercer atividade que quase não exige esforço intelectual” (COELHO, 2011, p.11).

Fazer jornalismo esportivo era um desafio. O esporte era paixão das classes mais pobres que, por conta disso, não tinham poder aquisitivo para comprar jornais, livros e revistas sobre o assunto. É apenas em 1931 que surge o primeiro jornal dedicado apenas para o esporte. O *Jornal dos Sports*, do Rio de Janeiro, foi um dos principais veículos do século passado. Diversos jornais e revistas surgiram e desapareceram rapidamente no Brasil nessa época, pois era difícil manter uma redação que tivesse apenas esse foco.

Figura 4 – Jornal dos Sports. Capa da decisão do campeonato estadual de 1977



Fonte: netvasco.com.br/mauroprais/images/jsports_77set29.jpg

Os jornais esportivos só conseguiram se firmar a partir da década de 1960. O *Caderno de Esporte* apareceu em São Paulo e originou o *Jornal da Tarde*.

Figura 5 – Primeira edição do *Jornal da Tarde*, em 1966



Fonte: caminhosdojornalismo.wordpress.com/linguagem-grfica-no-impresso/jornal-da-tarde-noturno/

2.2 A supremacia do futebol

O futebol é o principal esporte abordado pelos veículos esportivos. Coelho (2011) revela que dentro das redações existe uma divisão entre quem escreve sobre futebol e as outras modalidades. O espaço para esse esporte é dominante e acaba deixando pouco espaço para falar de vôlei, tênis, basquete, automobilismo, entre outros, tornado o caminho para se tornar um especialista reconhecido em outro esporte mais complicado.

Conforme citado anteriormente, o futebol nem sempre esteve presente na cobertura diária da mídia esportiva, pois não se tinha a certeza de que o esporte triunfaria no Brasil. Criado e trazido pelos ingleses, o futebol tinha uma certa rejeição dos grandes comentaristas, que acreditavam que o que vinha de fora não iria cair no gosto popular. Coelho (2011) conta que no início pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar as manchetes e que as notícias esportivas eram deixadas em segundo plano, pois “como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão política do país?” (COELHO, 2011, p. 8)

No início dos anos 1900, quando o futebol chegou ao Brasil, parecia difícil que um esporte estrangeiro fosse conquistar adeptos. O remo era o esporte mais popular no país e, talvez por isso que três dos quatro mais tradicionais clubes do estado do Rio de Janeiro tenham a palavra “regatas” em seus nomes. A partir de equipes de remo que nasceram o Botafogo de Futebol e Regatas, o Clube de Regatas Flamengo e o Clube de Regatas Vasco da Gama. No meio do século XX, a revista Placar foi criada e João Saldanha afirmou que ela não passaria das suas primeiras edições. Porém, nesta época o futebol já havia começado a conquistar o seu lugar na imprensa e ganhar mais destaque em frente a outras modalidades.

Segundo Coelho (2011), o futebol começou a se tornar a grande paixão nacional a partir do sucesso da Seleção Brasileira, que em 1970 se tornava tricampeã do mundo, conquistando as Copas de 1958, 1962 e 1970. A febre do remo já havia sido superada e a transmissão do futebol pelo rádio já era uma realidade no país. Na televisão, as principais emissoras do país já davam uma atenção maior para o esporte. No início, a Record e a Bandeirantes tiveram os direitos do Campeonato Brasileiro, que hoje pertence à Globo.

Além da TV aberta, canais por assinatura, como o pay-per-view, também passaram a transmitir os jogos. Além disso, diversos programas de debates começaram a surgir. Atualmente, devido ao grande avanço da tecnologia, existe interação durante os jogos entre jornalista e torcedor. Hoje se pode ficar sabendo sobre os jogos a qualquer dia e hora e de qualquer lugar. Contudo, com diversos meios sendo acessados ao mesmo tempo, o jornalista precisou se aperfeiçoar para poder estar à frente de tudo.

E sobre essa nova era, Barbeiro e Rangel (2006) dizem que:

O jornalista, esportivo ou não, está imerso em nova era, novas tecnologias, nova organização das empresas, enfim, em nova realidade que os especialistas chamam capitalismo informacional. Nessa nova etapa, é exigida que os trabalhadores exerçam mais de uma função, enterrando a famosa "linha de produção", como tão bem retratou Charles Chaplin em Tempos Modernos. Assim, dentro do período pelo qual foi contratado, o jornalista tem de apurar, escrever, falar, apresentar, enfim, participar de todas as etapas da produção. Isso não quer dizer que não se possa se especializar neste ou naquele esporte e conhecê-lo a fundo, o que aliás é desejável. Isso não livra ninguém de ter um conhecimento geral dos esportes mais populares. Os que não são conhecidos merecem ser estudados (BARBEIRO & RANGEL, 2006, p. 34).

A cobertura esportiva foi se transformando no decorrer dos anos. Após períodos de romantismo e com transmissão de emoções, o esporte passou a se tornar quase que um tema frio adotando uma linguagem descritiva. A emoção dos jogos deu lugar a precisão. Porém, "o ideal é que se tenha o equilíbrio dessas duas vertentes: emoção e descrição dos fatos. O esporte não vive sem emoção" (BARBEIRO E RANGEL, 2016, p. 55).

Por ser objeto de uma maior atenção dentro dos veículos, o futebol acaba por ter uma equipe praticamente exclusiva, tendo redações divididas entre quem faz a cobertura do futebol e quem cobre as demais modalidades. Na visão de Coelho (2011), o fato de não existirem jornalistas especializados em outros esportes acaba fazendo com que atletas surjam como comentaristas.

Atualmente, existem muitos recursos disponíveis para o jornalista fazer a cobertura esportiva ou uma matéria jornalística. Com a evolução tecnológica, há diversas câmeras captando imagens dos atletas, que acaba possibilitando fazer um trabalho jornalístico estatístico completo, com dados de distância percorridas dos jogadores, chutes a gol, número de faltas, entre outros.

Contudo, engana-se quem acha que está mais fácil fazer jornalismo. Com tanto conteúdo para analisar, é obrigação do profissional fazer a checagem das informações que estão sendo publicadas. Cada vez mais o esporte tem se tornado mercadoria

televisa, sendo transformado em um espetáculo que é facilmente consumido pelo público. Diante disso, Bianchi & Hatje (*apud* Santos Júnior, 2011), defendem que o esporte está tendo que se adaptar à linguagem televisiva, reduzindo tempos de inatividade e aumentando o espaço para propagandas publicitárias durante as partidas.

Na atualidade, não se concebe a um evento esportivo sem a presença dos meios de comunicação, em função da sua importância na divulgação e agendamento dos eventos esportivos; da mesma forma não se pode pensar numa programação televisiva e/ou jornalística sem o espaço para notícias esportivas (BIANCHI & HATJE *apud* SANTOS JÚNIOR, 2011, p.79).

Santos Júnior ainda cita os meios de comunicação notaram que o futebol é um produto que atrai cada vez mais espectadores, o que impacta em uma forte relação com o mercado. No Brasil, a renda vinda dos direitos de transmissão para a TV varia entre 15% e 40%, dependendo da equipe. Isso significa que alguns times têm quase a metade de seu orçamento oriundos das transmissões dos jogos. Os autores defendem que “essa situação possibilita a TV escolher horários e locais de seu interesse, pelo fato de ser a principal receita dos clubes brasileiros contra uma média de 20% da venda de jogadores e outras divididas entre patrocinadores e venda de ingressos” (SANTOS JÚNIOR, 2011, p. 79).

Com isso, a importância do esporte para a televisão está aumentando cada vez mais, transformando-o em uma mercadoria de grande audiência. E o principal foco é o futebol, que contém elementos linguísticos que podem ser compreendidos em qualquer parte do mundo, atraindo ainda mais telespectadores para sua grade de programação.

3 ENTRETENIMENTO ESPORTIVO

Dejavite (2006) lembra que logo no início do século XIX, jornais já publicavam em suas edições informações sobre prestação de serviços sobre peças de teatros e filmes, abordando mais a cultura e voltados ao entretenimento. Porém, este gênero passou a agregar outros conteúdos e ganhou mais notoriedade a partir dos anos de 1990, impulsionado pelos produtos culturais. Mas ainda a divisão dos gêneros era muito clara. Cabia ao jornalismo informar e formar opinião pública, com base em acontecimentos reais, e ao entretenimento apenas trabalhar em cima da ficção, divertindo as pessoas. Contudo, cada vez mais estão sendo utilizados elementos em comum com ambos para aumentar o alcance do público.

A principal função do entretenimento é alegrar e divertir as pessoas. Sendo assim, ele acabou se tornando sinônimo de lazer, que traz uma distração para as horas vagas em que não estamos envolvidos com qualquer outra atividade. Cada vez mais o entretenimento está relacionado com um momento de fuga das tensões diárias e, segundo Bertrand, “na sociedade de massas, o entretenimento é mais indispensável do que antigamente para diminuir as tensões que ameaçam levar à doença ou à loucura” (BERTRAND, 1999, p. 38).

Melo (1970) defende que tudo que se produz no campo do entretenimento busca preencher o tempo livre dos cidadãos. Baseado nisso, Oselame (2012) cita que este gênero se tornou uma indústria e, segundo Dejavite (2006), as notícias também passaram a ser consumidas como mercadorias, mas ainda mantendo a sua função social.

O entretenimento, por sua vez, forma um setor autônomo diante da demanda por oportunidades de lazer e ocupação do tempo livre. Ao longo do processo de industrialização, em um movimento que pode ser situado ao fim do século XX, ele se afasta da tríade para se tornar uma indústria propriamente dita (OSELAME, 2012, p. 37).

Além disso, o uso do humor tem sido muito frequente, e isso acaba agregando para um fácil entendimento e conquistando o receptor. E essa maior busca por esses tipos de linguagem é porque “o lazer deixou de ser privilégio de poucos e passou a ter acesso mais geral” (DEJAVITE, 2006, p. 51). Dejavite (2006) defende que “o receptor exige que a notícia na atualidade informe, distraia e também lhe traga uma formação sobre o assunto publicado” para que possa ser atrativa para a audiência. Com base nisso, a maior preocupação de hoje não é apenas dar a notícia, mas também ter todos

detalhes para que possa satisfazer o público com o conteúdo que está sendo apresentado.

Muito diferente do que o jornalismo está acostumado a fazer há mais de décadas, onde o mais importante era ser o primeiro a divulgar a informação. Hoje, com muitas opções para se manter informado, quem possibilita um conteúdo diferente, de fácil compreensão e que alcance o maior número de pessoas, acaba se destacando diante dos demais.

Em um mundo em que a informação existe em abundância, para todos, tanto a rapidez como a eficácia na capacidade de obter uma informação exclusiva e na de disseminá-la adquiriram uma urgência dramática, acirrando ainda mais a competição entre os vários veículos de comunicação de massa (ALBEX JÚNIOR, 2001, p. 88).

Grande parte das as residências são equipadas por aparelhos de TV, computadores, *smartphones* e “toda parafernália possível das novas tecnologias, configurando-se no espaço perfeito e preferido que organiza o trabalho e a diversão” (DEJAVITE, 2006, p. 30). Todos esses mecanismos possibilitam o acesso ao conteúdo de qualquer lugar e a qualquer momento, fazendo parte da sociedade da informação e mantendo pessoas conectas durante 24 horas por dia. Através da palma da mão, pessoas conseguem se manter informadas, se distrair e até mesmo trabalhar, tudo sem precisar sair do lugar.

Visando alcançar essas pessoas é que foram criadas estratégias de entretenimento para que os produtos possam ser consumidos de forma rápida e eficaz, atraindo os olhares apenas para o que está sendo transmitido no momento. Debord (2009, p.30) cita que “o espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo.”

Assim, novas formas de transmitir a informação foram criadas. O jornalismo esportivo e o entretenimento, por exemplo, estão caminhando lado a lado e isso se torna cada vez mais evidente atualmente. Programas esportivos estão se reformulando em busca de atender o interesse do público e conquistar novos espaços na mídia. Essa junção de informação com divertimento é que se constrói o infotimento, que foi definido por Padeiro (2015) como:

INFO engloba informação, prestação de serviço, apuração, contextualização, crítica, denúncia, fiscalização, conhecimento e independência; TENIMENTO (...) as estratégias adotadas para a produção do conteúdo jornalístico, com uma linguagem mais leve e até mesmo parcial (PADEIRO, 2015, p. 8).

Portanto, se o entretenimento busca levar apenas o divertimento, a distração e a recreação do indivíduo, querendo trazer conteúdo que preenchendo um espaço que traga envolvimento e ocupação, o infotimento utiliza de todas essas premissas para aliar informação e conteúdo nesses momentos de lazer das pessoas. Tornando-se um conteúdo perfeito para ser consumido enquanto a pessoa está em seu tempo livre.

Esse novo modo de linguagem aproxima-se do conceito de notícia *light*, que Dejavite (2007, p.6) define como uma narrativa simples e de fácil entendimento do público, buscando preencher o tempo livre do cotidiano e fazendo uma “interpretação ou recriação dos fatos não apenas na perspectiva da realidade social, mas, principalmente, no uso da linguagem do entretenimento”.

Ainda segundo a autora “as matérias tidas como de jornalismo de INFOtenimento satisfazem nossas curiosidades, estimular nossas aspirações, possibilitam extravasar nossas frustrações e nutrem nossa imaginação”. Seguindo nesta mesma linha, Berlo (*apud* DEJAVITE, 2006, p. 74) avalia que “é inútil definir se dada comunicação é informativa, persuasiva ou tem a função de entreter, já que a comunicação de massa possui todas essas características”.

4 RADIOJORNALISMO

No entretenimento, são usados elementos que possam prender a atenção do público, assim como é feito no rádio, onde elementos sonoros fazem parte do cotidiano para atrair o interesse do público e fazer com que ele permaneça e imagine a ação. Contudo, o rádio como objeto de comunicação passou a ser utilizado a partir do século XX. Porém, antes disso, baseado em ondas eletromagnéticas, foram criados a radiotelefonia e a radiocomunicação. A primeira sucedeu o telefone com fios, já a segunda, era mais comum para troca de informações entre forças militares. Hoje, o conceito de rádio já está muito diferente. Ferraretto (2014, p.18) define que o rádio é o “meio de comunicação que transmite, na forma de sons, conteúdos jornalísticos, de serviço, de entretenimento, musicais, educativos e publicitários”.

No início, o rádio teve uma árdua luta contra o silêncio. Tiveram que ser encontradas soluções para que houvesse programação 24h por dia nas estações. Com isso, a solução encontrada foi de transmitir o que já havia sido disponibilizado por outros meios. Meditsch (2007) conta que eram feitas leituras de jornais, poemas e trechos de obras, além de transmitirem peças musicais ao vivo, peças teatrais, concertos e óperas.

Segundo o autor, foram criadas duas escolas de pensamentos sobre o uso do rádio. A primeira, chamada de visualização, tinha a proposta de que a falta da imagem é compensada pela imaginação do ouvinte. A outra, chamada de autossuficiência invisível, defendia que a falta de imagem não era um problema, não sendo necessária nenhuma complementação. Para McLeish (2001, p. 15) “ao contrário da televisão, em que as imagens são limitadas pelo tamanho da tela, as imagens do rádio são do tamanho que você quiser”.

Com o surgimento dos novos dispositivos tecnológicos, a discussão sobre o possível fim do rádio volta à tona. Aparelhos celulares cada vez mais modernos abrigando todas as informações na palma da mão, além de computadores cada mais potentes, aparecem para tomar o lugar do rádio. Meditsch (2007, p.38) fala que “novas tecnologias, introduzidas no cenário internacional no período recente, têm jogado a favor e contra a posição do rádio na competição entre os diversos meios”. Porém os índices de audiência indicam completamente o contrário. As emissoras souberam se

reinventar e se adaptar às mudanças no meio. Esses novos aparelhos eletrônicos aumentaram o acesso ao rádio, que agora pode ser escutado no computador e nos aparelhos celulares, dispensando o aparelho tradicional.

McLeish (2001) ainda defende que o rádio dificilmente será abandonado pelos usuários, pois é um meio de comunicação simples e que não se tem dificuldades para acessar. Além disso, se comparado a televisão, ele não requer que fique sentado assistindo, podendo fazer outras coisas ao mesmo tempo e acompanhando alguma outra tarefa que esteja sendo realizada e também sendo uma “espécie de companheiro do ouvinte, algo que está próximo do dia a dia e quebra a solidão” (FERRARETTO, 2014, p. 26).

Ferraretto (2014) admite que hoje há diversas formas de comunicação através do rádio. A primeira é a forma mais tradicional, chamada de rádio de antena ou hertziano, que trabalha a partir de ondas eletromagnéticas e que até hoje é a que tem mais alcance. A segunda é a partir do rádio on-line, onde as emissoras operam seus serviços via internet. Neste segundo conceito, são enquadradas três formas de transmissão. A rádio na web, que tem sua transmissão a partir da rede mundial de computadores. A web rádio, transmitindo seus conteúdos exclusivamente pela internet. E o podcasting possibilitando que arquivos sejam gravados e disponíveis para acesso em qualquer hora.

4.1 A linguagem radiofônica

Se o jornalismo tem o compromisso com a realidade, o rádio tem o de fazer com que as pessoas se insiram dentro do que está sendo falado, estreitando os laços entre comunicador e receptor. Meditsch (2007, p. 176) lembra do episódio da “Guerra dos Mundos”, um radiograma produzido por Orson Welles e que foi reproduzido na rádio CBS em 1938, relatando uma suposta invasão de marcianos na terra. Esta confusão entre a realidade da arte e do jornalismo acabou provocando uma onda de pânico nos Estados Unidos e causado mortes por suicídio e acidentes em série.

A ideia inicial do radiojornalismo era de que fosse uma outra forma de apresentar a mensagem escrita. Meditsch (2007, p. 182) conta que “tudo que era dito ao microfone deveria ter sido escrito antes, tanto como modo de controle do conteúdo, quanto como garantia de correção”. Esse padrão é carregado até os dias de hoje, mas

com um pouco mais de liberdade, saindo da forma engessada. O autor ainda defende que “a naturalidade passou a ser perseguida como um valor pelos profissionais do rádio”. (MEDITSCH 2007, p. 192).

O que antes era muito mais uma leitura do que já estava escrito, deu lugar a fala mais natural do radialista. Com isso, alguns equívocos nas palavras acabam sendo mais comuns e improvisado também se tornou mais frequente nos programas. Porém, o compromisso do comunicador com o uso correto das palavras não mudou.

A palavra falada, modo pelo qual a voz aparece com mais frequência em rádio, possui um alto poder comunicativo, carregando parte significativa do conteúdo da mensagem. A expressividade não se limita, no entanto, ao sentido em si do vocábulo, mas se ampara na forma como se dá a sua emissão, podendo ganhar ainda mais força quando associada a outras manifestações da voz como o choro, o grito ou o riso. (FERRARETTO, 2014, p. 32).

Para Meditsch (2007, p. 245) “a portabilidade do rádio alterou a forma de recepção da informação. Não apenas ela poderia ser recebida em tempo real, como poderia se fazer presente em qualquer local”. Aliado a isso, as rádios passaram a interagir ainda mais com os ouvintes. Através das redes sociais, o público também passou a contribuir com os programas, fidelizando ainda mais a audiência. Além disso, elas tornaram possível fazer transmissões ao vivo dos programas em imagens, transformando o rádio em TV.

Por conta disso, a linguagem sofreu algumas alterações. O ouvinte, que antes apenas imaginava as situações, agora também pode ver e interagir. Assim, se aumentou a proximidade entre emissor e receptor, tendo que apresentar os programas de uma maneira que o ouvinte compreenda ainda mais o que está sendo transmitido, fazendo com que aumente ainda mais a preocupação de como a informação está chegando ao público, para que se mantenha a audiência.

Entre os novos formatos de mídia digital, se encontra a web rádio e o podcast. Teixeira e Silva (2010), definem o primeiro como uma “emissão radiofônica na internet com a tecnologia streaming”, que é uma tecnologia que utiliza das redes de computadores para transmitir informações multimídia. Durante sua transmissão, podem ser utilizadas imagens, vídeos, links, fotos e textos. A essência desse tipo de conteúdo tem sido a interatividade do emissor com o receptor. Isso porque, devido aos recursos da mídia, “permitem ao público muito mais do que ouvir, tornando a comunicação colaborativa, interativa e mais dinâmica” (TEIXEIRA E SILVA, 2010, p. 256).

Este modo é aplicado através de um website e tem o objetivo de fazer os conteúdos serem de fácil acesso ao público e que eles possam ter a liberdade de escolher a sua programação. “Deste modo, a rádio fornece a transmissão assíncrona e disponibiliza seus conteúdos de forma que os ouvintes/utilizadores possam ouvi-los e/ou armazená-los em seus computadores, desvinculando o tempo de emissão do tempo de recepção” (TEIXEIRA E SILVA, 2010, p. 257).

Já o podcast é um arquivo digital em áudio que é transmitido através da internet. O seu formato se assemelha a de um programa de rádio, porém, a diferença está na forma de como ele é disponibilizado, em formato de mídia digital e podendo ser acessado a qualquer hora e em qualquer lugar. Segundo Paz (apud Teixeira e Silva, 2010, p.257), o podcast pode ser definido “como todo o processo de produção de material digital (áudio, vídeo, texto ou imagem), com publicação e distribuição na Internet, e possibilidade de download para os subscritos”.

Teixeira e Silva contam que a origem do podcast é resultado da junção do iPod (equipamento de reprodução MP3 produzido pela Apple) e Broadcast (emissão radiofônica), que, através da criação de um software em 2004, possibilitou “descarregar automaticamente transmissões de rádio na internet diretamente para os iPods, tornando-se uma forma eficiente para publicação de arquivos digitais na internet” (TEIXEIRA E SILVA, 2010, p. 257).

O podcast é mais utilizado no formato MP3. Paz (apud Teixeira e Silva, 2010), argumenta que sua principal diferença para a rádio é que, mesmo ambos sendo assíncronos, a rádio normalmente é síncrono, pois se baseia na transmissão em tempo real.

As emissoras online passaram a perceber o Podcast como uma forma de aumentar a audiência oferecendo ao público uma programação segmentada e especializada, além de proporcionar ao ouvinte/utilizador a oportunidade de escolher o programa que deseja ouvir/aceder, em qualquer hora do dia e em qualquer parte do mundo (Foschini & Taddei apud Teixeira e Silva, 2010).

Outras importantes diferenças entre o rádio e podcast é que o primeiro tem uma grade de programação, enquanto o outro pode fazer seus programas de acordo com a demanda sobre determinado tema. Além disso, Freire (2012) cita que o podcast pode servir também como uma ferramenta educativa, pois sua produção pode ser feita com equipamentos que são mais baratos, por poder criar seus próprios conteúdos e de veiculação mais espaçada, pode ser utilizado para conteúdos mais específicos.

5 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Este trabalho prático tem como objetivo debater sobre as principais mudanças que ocorreram na cobertura jornalística esportiva nos últimos anos, tendo como referência as três conquistas da Copa Libertadores da América, onde o Grêmio de Foot-Ball Porto Alegre sagrou-se campeão nos anos de 1983, 1995 e 2017.

Para atingir o objetivo, foi criada uma série de podcasts intitulada **De frente com Acosta: podcast sobre as transformações na cobertura esportiva**. Os podcasts têm como tema contar a trajetória do Grêmio durante as três conquistas, apontando os principais métodos de cobertura e como eram feitas as transmissões em cada época.

Antes da criação, foi feita uma pesquisa bibliográfica e documental, com autores que falam sobre as teorias do jornalismo, os métodos e práticas de cobertura, a história do jornalismo, do jornalismo esportivo e o surgimento do futebol no Brasil. Além disso, autores que falam sobre o entretenimento e como esse conteúdo se uniu ao esporte também foram usados, bem como referências para a criação dos podcasts.

Após a pesquisa foi feita a roteirização de cada programa, organizando os temas e escolhendo o jornalista a ser entrevistado para fazer sobre as diferentes épocas do esporte.

Foram elaborados quatro programas que trazem as histórias, vivências e visões do jornalista Silvio Benfica sobre as principais mudanças no modo de como fazer a cobertura esportiva no jornalismo. Para falar sobre o assunto, foi escolhido este profissional que tem mais de 30 anos de experiência no jornalismo e no rádio gaúcho, tendo passado pelas três épocas e podendo contribuir para o projeto.

5.1 Primeiro programa: A primeira Libertadores gremista

No primeiro programa, toda a trajetória do Grêmio para a conquista da primeira Libertadores da América em 1983 foi abordada. Resultados de jogos, a campanha para o título e como era feita a cobertura jornalística na época. Além disso, o jornalista trouxe curiosidades que antes aconteciam no futebol e com o passar do tempo deixou de existir.

5.2 Segundo programa: O Bicampeonato Tricolor

No segundo programa, foi abordado o título de 1995, além da campanha e curiosidades da época, bem como métodos de jornalismo, transmissão dos jogos e nas inovações que tiveram na cobertura esportiva.

5.3 Terceiro programa: Grêmio tricampeão da América

No terceiro programa, que falou sobre 2017, foi apresentado o quanto as novas tecnologias facilitaram ou dificultaram a cobertura do título, além de tudo que também foi apresentado nos outros programas.

5.4 Quarto programa: O que esperar o futuro da cobertura esportiva

No quarto, Silvio Benfica falou sobre qual a visão dele da atual cobertura esportiva, além de fazer uma projeção sobre o que ele imagina que possa ser modificado e que será transformado conforme o tempo na jornada esportiva.

6 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para a construção deste podcast, primeiro foi identificado um tema que estivesse em evidência para que pudesse ser abordado de forma atual. Inicialmente, a ideia deste trabalho era identificar a linguagem apresentada em um programa de rádio, se poderia ser considerado jornalismo ou entretenimento. Em conversa com a orientadora Mariana Oselame, chegamos à conclusão que seria melhor aplicar essa abordagem da linguagem dos programas esportivos em um trabalho prático.

Com isso, surgiu a ideia de realizar uma série de podcasts que apresentariam as transformações da linguagem esportiva durante os anos. Para ter uma referência em diferentes épocas, se decidiu agregar os três títulos da Copa Libertadores da América, conquistados pelo Grêmio nos anos de 1983, 1995 e 2017, respectivamente. Com este tema em mente, foi realizada uma pesquisa sobre possíveis jornalistas que participaram da cobertura das conquistas para que pudessem dar os seus relatos sobre essas mudanças que aconteceram no decorrer dos anos.

Atualmente, o esporte tem sido tratado mais como objeto de entretenimento do que jornalismo. Assim, foi feita toda pesquisa teórica sobre o tema e sobre radiojornalismo e seus novos formatos, como web rádio e podcast. A partir disto, começamos contatos com jornalistas que pudessem conversar e agregar para este trabalho. Foram encaminhados e-mails, feitas ligações e contatos pelas redes sociais de alguns jornalistas, que ou não se disponibilizaram para participar ou não deram retorno.

Diferentemente do jornalista Silvio Benfica, que construiu toda sua trajetória na profissão dentro da Rádio Gaúcha, na qual saiu em fevereiro de 2017, após 33 anos de casa, e se disponibilizou a falar sobre o assunto. Foi abordado com ele sobre como era fazer a cobertura nos anos 80, como era o acesso aos jogadores, quais as primeiras tecnologias que surgiram para facilitar a transmissão dos jogos, como mudou a cobertura esportiva durante os anos, quais as mudanças de linguagem com o público, como lidar com as eras das redes sociais e o que esperar da cobertura esportiva para o futuro.

Após agendar uma entrevista por telefone, o jornalista conversou pouco mais de 30 minutos falando sobre os assuntos citados acima, além de outras situações. Esta entrevista foi fundamental para o trabalho, pois deu a visão de um profissional

que viveu nas diferentes épocas e como ele se adequou com as transformações na mídia. Além disso, ela rendeu sonoras que intercalaram com o apresentador durante os podcasts, construindo uma história que narrava a conquista do Grêmio na Libertadores e como eram feitas as transmissões na época.

Sendo assim, o trabalho seguiu uma ordem cronológica, apresentando como era a cobertura esportiva no primeiro título, quais as transformações que ocorreram para o segundo e o que era apresentado de novo já no último campeonato conquistado. Para finalizar, um quarto podcast foi feito para que pudesse ser debatido quais as novas tecnologias que podem surgir e como seria o formato da cobertura esportiva daqui para frente.

6.1 Acesso aos podcasts

O conteúdo está disponibilizado no site <https://soundcloud.com/user-650580098/sets/de-frente-com-acosta>, que pode ser conferido através do link: O material também pode ser acessado a partir da leitura da imagem abaixo (QR CODE):

Figura 6 – Imagem do QR CODE do podcast



6.2 Roteiro do podcast

Os roteiros dos programas foram pensados de uma forma em que a informação pudesse ser transmitida da maneira mais clara possível, organizando *offs* com as falas do entrevistado do podcast.

Quadro 1 – Roteiro do primeiro episódio

A PRIMEIRA LIBERTADORES GREMISTA	
LOC	Olá, pessoal. Este é o De Frente com Acosta, um podcast que vai apresentar as transformações na cobertura esportiva em três épocas, baseado nas conquistas do Grêmio, na Copa Libertadores da América em 1983, 95 e 2017. Eu sou Rafael Acosta Martins, e neste primeiro podcast vamos falar sobre A primeira Libertadores gremista, conquistada no ano de 1983, e o jornalista Silvio Benfica vai trazer sua visão sobre esta época do jornalismo.
SOBE TRILHA	
LOC	Benfica tem 63 anos, 33 deles trabalhados na rádio Gaúcha. A paixão pelo rádio veio de berço, inspirada pelo pai, Argeu Benfica. Natural de Osório, Silvio descobriu cedo o que queria ser e começou a dar os primeiros passos ao lado do pai na Rádio Osório.
SONORA 1	Na verdade, a minha principal motivação é caseira, ela surgiu de casa, porque o meu pai trabalhava em rádio, e ele é daqueles radialistas antigos, da década de 50, que trabalhava em serviço de autofalantes, o que era normal naquela época. Para dar uma ideia, o fundador da RBS, Maurício Sirotsky Sobrinho, lá em Passo Fundo, começou também a sua atividade através do serviço de autofalantes. Aquilo era um pulo para as emissoras de rádio, especialmente no interior, o que aconteceu com meu pai.
LOC	Um ano antes de Silvio tornar repórter da Rádio Gaúcha, em 1983, o Grêmio conquistou a Copa Libertadores da América, derrotando o Peñarol, do Uruguai, até então atual campeão da competição. Após 12 jogos, com oito vitórias, três empates e apenas uma derrota, o tricolor se tornava o quarto time brasileiro a conquistar o torneio, depois de Santos, Flamengo e Cruzeiro. César, aos 32 minutos do segundo tempo, marcou o gol do título, narrado assim por Haroldo de Souza.
SONORA 2	Narração de Haroldo de Souza no gol de César.
LOC	A cobertura esportiva na época era difícil. Não existia toda tecnologia e aparelhagem que se tem disponível hoje, o que tornava o trabalho do repórter, do comentarista e do narrador, ainda mais complicado.
SONORA 3	O jornalismo esportivo ele foi, basicamente neste período todo até hoje, evoluindo não exatamente pela sua linguagem, mas evoluindo pelos avanços tecnológicos que foram acontecendo. A linguagem basicamente, com algumas mudanças de formato na jornada esportiva, é o mesmo hoje, digamos assim.
LOC	Os problemas não eram só nas transmissões de jogos, mas também para passar as informações do dia a dia do clube quando o jogo não era realizado em Porto Alegre. Benfica conta que tinha que sair do treino para o hotel em busca de um telefone para que pudesse fazer a ligação para o Capital passando as informações do clube. Na época, ainda existiam orelhões dentro dos estádios, para que o contato pudesse ser feito. Contudo, ele era o mesmo para vários outros profissionais em busca do mesmo objetivo.
SONORA 4	Quer dizer, é uma coisa absolutamente primária ao que se tem hoje.

	Era primária, mas que desafiava acima de tudo, a agilidade, o discernimento, inteligência de um repórter para poder passar as suas informações. No jogo, a transmissão do futebol dependia da linha telefônica para fazer um contato, que não era tão simples assim, daqui a pouco tu não conseguia ouvir o que Porto Alegre te passava de informação. [...] Era uma dificuldade absolutamente extraordinária. Era um desafio, mas um desafio maravilhoso, porque eu acho que acima de tudo, o jornalista esportivo, repórter, vive disso, de desafios constantes. Hoje com mais facilidades para a comunicação, mas naquela época de uma forma absolutamente primária.
LOC	Outra diferença é o acesso que se tinha aos jogadores e ao técnico. Benfica lembra que existiam poucos repórteres e eles tinham acesso aos vestiários após os jogos. Diferente de hoje, quando assessores escolhem os jogadores e eles dão entrevistas coletivas após treinos e jogos.
SONORA 5	Era mais fácil. Naquela época não existia a figura da entrevista coletiva como acontece nos dias de hoje. Naquela época, terminava o jogo, tu entrevistavas os jogadores na saída do campo, depois eles iam todos para os vestiários, tu ias para a porta do vestiário, esperava lá 15, 20, 30 minutos para os jogadores tomarem banho, aí abria a porta do vestiário e tu entrava vestiário a dentro para entrevistar tanto os jogadores como o técnico, que normalmente tinha sua salinha ali. Então tinha sempre 4, 5 repórteres. Hoje são mais de 20, no mínimo, em função de todos veículos de comunicação que existem.
LOC 6	Com essa realidade encontrada por jornalistas para realizar as coberturas esportivas em 1983, chegamos ao fim do primeiro episódio da série de podcasts sobre as transformações na cobertura esportiva. No próximo podcast, falaremos sobre a como era cobertura em 1995.

Quadro 2 – Roteiro do segundo episódio

O BICAMPEONATO TRICOLOR	
LOC	Olá, pessoal. Este é o De Frente com Acosta, um podcast que vai apresentar as transformações na cobertura esportiva em três épocas, baseado nas conquistas do Grêmio, na Copa Libertadores da América em 1983, 95 e 2017. Eu sou Rafael Acosta Martins, e neste segundo podcast entraremos no ano de 1995, falando sobre o Bicampeonato Tricolor, onde o telefone celular já fazia parte da cobertura esportiva. O jornalista Silvio Benfica nos conta como isso facilitou as transmissões dos jogos.
SOBE TRILHA	
LOC	Benfica é jornalista há 40 anos e participou de diversas transmissões esportivas ao longo deste período. Fez coberturas de jogos da dupla GreNal e da Seleção Brasileira, viajando pelo mundo como repórter e cobrindo títulos, o que era seu sonho quando entrou na profissão.
SONORA 1	Eu imaginei o seguinte: quero testemunhar ao menos uma vitória da Seleção Brasileira sendo repórter. Testemunhei dois títulos. Quer dizer, foi mais do que eu imaginei. Então eu trabalhei com sonho e

	com foco enquanto eu estava com 16, 18 anos de idade, imaginando que um dia iria trabalhar em uma das rádios grandes de Porto Alegre, e partir daí me desenvolvendo no jornalismo esportivo parar pode realizar realmente esses sonhos, e tudo, felizmente, deu certo.
LOC	Naquele ano, o celular já fazia parte das transmissões esportivas, facilitando o contato do repórter com a redação e os ouvintes. Um ano antes, na Copa dos Estados Unidos, Benfica lembra que trabalhou 50 dias de lá sem o telefone falhar. Em 1995, o Grêmio conquistou o bicampeonato da Libertadores, vencendo o Atlético Nacional, da Colômbia. Com isso, garantiu vaga para o Mundial de Clubes, no Japão, e o jornalista conta como a tecnologia facilitou o trabalho.
SONORA 2	E em 1995, no Japão, foi exatamente assim. Tanto que quando a decisão do Grêmio contra o Ajax foi para os pênaltis, eu consegui entrar no campo e eu estava próximo da goleira, na pista atlética, onde os pênaltis estavam sendo cobrados. E já estava com o meu telefone celular ligado, conectado com Porto Alegre, caso o Grêmio vencesse o jogo, fosse campeão Mundial, eu teria condições de invadir o gramado para ouvir os jogadores e transmitir a festa dos jogadores porque eu tinha um celular a disposição para fazer isso aí. Infelizmente deu errado, o Grêmio perdeu nas penalidades máximas, a gente evidentemente que sentiu fazendo o trabalho, mas não conseguiu dar a ideia de emoção de um clube gaúcho e brasileiro sendo campeão Mundial.
LOC	Com apenas cinco participações no torneio sul-americano, o Grêmio já conquistava o segundo título. Classificado como campeão da Copa do Brasil de 1994, o tricolor fez uma campanha de 14 jogos, com oito vitórias, quatro empates e apenas duas derrotas. Ao todo, foram 29 gols marcados pelo tricolor, 12 deles do atacante Jardel, que foi o artilheiro da competição. Nas finais, ele deixou sua marca, narrado assim por Armindo Antônio Ranzolin, da Rádio Gaúcha.
SONORA 3	Narração de Armindo Antônio Ranzolin no gol de Jardel.
LOC	Ao longo do tempo, algumas mudanças nas transmissões foram acontecendo. Benfica acredita que elas são fruto das características individuais de cada narrador, que foi transformando o modo de transmitir jogos, algo que acontece até hoje.
SONORA 4	Porque eu vejo o formato de uma jornada esportiva com algumas mudanças, mas incrivelmente muito parecido ainda com a década de 80 e 90. O que mudou? Pode ter mudado a linguagem do narrador esportivo. Porto Alegre lidava com seu melhor narrador na época 70, que era o Armindo Antônio Ranzolin, que foi um dos principais narradores na história do rádio gaúcho. Aí surgiu uma linguagem diferente, através de outro narrador, o Haroldo de Souza, que hoje está na Rádio GreNal. [...] Ele chegou em 1974 e foi aquele negócio, aquela surpresa geral, algo diferente na narração de futebol, o que era interessante e precisava daquilo mesmo. Então, houve uma mudança aí de linguagem na narração, de um narrador para outro, e isso de certa forma foi acontecendo até hoje. Onde esteve a mudança? Na narração. O comentário? Basicamente o mesmo. A reportagem? A mesma. Aí todos, basicamente dependiam do seu

	talento para criar alguma coisa diferente durante o jogo. Porque o formato de uma jornada era o mesmo e, de certa forma, é até hoje. Algumas poucas coisas mudaram.
LOC	Há poucas mudanças na jornada esportiva em si. Cada narrador adapta as novas tecnologias ao seu trabalho e muda a forma da cobertura esportiva. Nos últimos anos, as redes sociais se tornaram mais ativas durante os jogos, e é isso que veremos no próximo podcast.

Quadro 3 – Roteiro do terceiro episódio

GRÊMIO TRICAMPEÃO DA AMÉRICA	
LOC	Olá, pessoal. Este é o De Frente com Acosta, um podcast que vai apresentar as transformações na cobertura esportiva em três épocas, baseado nas conquistas do Grêmio, na Copa Libertadores da América em 1983, 95 e 2017. Eu sou Rafael Acosta Martins, e neste terceiro podcast vamos falar sobre a mais recente conquista tricolor. Em 2017, o Grêmio se tornava tricampeão da América, em uma era totalmente digital e com as redes sociais ativas nas transmissões. O jornalista Silvio Benfica mostra o que influenciou na cobertura esportiva.
SOBE TRILHA	
LOC	Durante sua trajetória, Benfica foi movido a desafios e buscando sempre sair da mesmice. Ao identificar que os intervalos dos jogos não poderiam mais ser feitos apenas com o comentarista dando sua opinião sobre os lances do jogo, ele propôs uma mudança: criar um programa que pudesse ser dinâmico e lidar com mais informações durante o intervalo das partidas, como o Bola Parada, criado para a Copa do Mundo de 2014, e que segue nas transmissões da Rádio Gaúcha até hoje.
SONORA 1	É que tu tens, em um intervalo de jogo, e o que eu enxerguei foi o seguinte. Eu tenho a concorrência da TV fechada especialmente, colocando imagens a todo momento, mas para quem está no estádio, eu tenho a concorrência do celular. O celular, durante 15 minutos de um jogo de futebol que está parado, ele é uma arma que está à disposição do torcedor no campo. Aquilo ali exerce um fascínio, tu olhas para o celular porque tu sabes que vai ter uma série de informações. E eu sempre pensei o seguinte: nós precisamos criar um programa ágil e dinâmico, que impeça esse torcedor de buscar as informações no telefone celular, porque ele sabe que vai ter um canal, se ele está ouvindo no rádio, por exemplo, um canal a disposição para ter exatamente isso. Então é por isso que eu falo sempre na palavra desafio. O jornalista vive de desafios. Os novos jornalistas, cada vez mais.
LOC	Durante a cobertura da última conquista no ano passado, torcedores já interagiam no intervalo das partidas mandando perguntas para os jornalistas que estavam na transmissão. A participação do torcedor foi frequente, pois o Grêmio havia quebrado o jejum de 15 anos sem títulos de expressão em 2016, e via a possibilidade de voltar a conquistar a América depois de 22 anos. Após vencer a equipe do

	Lanús, da Argentina, por 1x0, na Arena, o Grêmio sacramentou o título com um 2x1 na casa do adversário. Luan, eleito o melhor jogador da América em 2017, foi o autor do segundo gol, narrado assim por Pedro Ernesto Denardin, da Rádio Gaúcha.
SONORA 2	Narração de Pedro Ernesto Denardin no gol de Luan.
LOC	Assim como em 1995, o Grêmio se classificou para a Libertadores da América após conquistar o título da Copa do Brasil. A 58ª edição do torneio sul-americano reuniu, ao todo, 47 times, se tornando o campeonato com mais clubes na história. Na primeira fase, o tricolor obteve a terceira melhor campanha geral, ficando atrás apenas de Atlético-MG e Lanús, justamente o adversário da final. Foram 14 jogos no total, com dez vitórias, três empates e apenas uma derrota. E a emoção exposta pelo narrador da Gaúcha vai de encontro com que Silvio Benfica diz quando não há muitas transformações gerais, e sim, nos narradores e na forma como eles descrevem a jogada. O fato da tecnologia estar avançada, não significa que as transmissões ficaram melhores ou piores do que as do passado.
SONORA 3	Cara, eu vou te dizer assim, que a gente pode concluir que se perdeu alguma coisa. Eu acho que é possível ter o melhor do formato antigo juntando com aquilo que está acontecendo como revolução a partir do avanço tecnológico. Eu não tenho dúvida nenhuma. Então, o que é o melhor do formato antigo? É especialmente a qualidade e o talento dos comunicadores, dos profissionais mais antigos. Porque se o rádio de antigamente tinha todas essas dificuldades, que não se tem hoje em razão do avanço tecnológico, o que eu vejo no rádio antigo, e ainda tem muitos por aí, é um perfil de profissional absolutamente talentoso. Que sem nada desses recursos, venceu e andou o mundo todo. Hoje é fácil de andar pelo mundo. Naquela época, 40, 50 anos atrás, não. E esses jornalistas só faziam isso em razão da sua capacidade, do seu talento, do seu discernimento.
LOC	Toda a trajetória trilhada pelos jornalistas mais antigos, servem de bagagem e experiência hoje no mercado de trabalho. No rádio, nomes consagrados ainda ocupam os postos de narradores. Resta saber se é pela falta de qualidade e inovação da nova geração ou pelo talento que os mais antigos ainda exercem. Com isso, no próximo podcast, iremos abordar o que esperar do futuro da cobertura esportiva.

Quadro 4 – Roteiro do quarto episódio

O QUE ESPERAR O FUTURO DA COBERTURA ESPORTIVA	
LOC	Olá, pessoal. Este é o De Frente com Acosta, um podcast que vai apresentar as transformações na cobertura esportiva em três épocas, baseado nas conquistas do Grêmio, na Copa Libertadores da América em 1983, 95 e 2017. Eu sou Rafael Acosta Martins, e neste último podcast, o jornalista Silvio Benfica irá trazer a sua visão sobre o futuro da cobertura esportiva e como serão as transmissões de jogos daqui para frente.
SOBE TRILHA	

LOC	Benfica fez a sua carreira praticamente dentro da Rádio Gaúcha, na qual ingressou em 1984 e saiu apenas em 2017, totalizando 33 anos de casa. Sua saída foi motivada por um processo de reformulação no modo das coberturas esportivas, na qual, a empresa não estava conseguindo se adequar com o que, na sua visão, seria o futuro.
SONORA 1	Eu nos meus últimos momentos, no ano passado, decidi sair por causa dessa angústia. Pensava que fora eu poderia fazer muito mais coisas, e felizmente estou conseguindo. Mas quando eu estava lá e ainda via isso, eu dizia: olha, nós precisamos mudar, combater isso aí. Combate, como já falei, por exemplo, pela mudança no intervalo da jornada. Daqui a pouco eu comecei a fazer um trabalho com o Gustavo Fogaça, porque há uma novidade no que se diz respeito ao perfil de novos comentaristas. Há até, de certa forma, um duelo à parte. Comentaristas com ideias e formatos antigos, conservadores, e eu não vou dizer que isso não tenha sua validade, ainda tem. A experiência também é importante. Mas tem comentaristas que trabalham baseados em números, que avançam e que é uma coisa que para mim sempre foi importante, eu procurei imaginar o seguinte: o encontro desses dois perfis.
LOC	Desde maio de 2016, a Rádio Gaúcha, integrada com as outras rádios e plataformas do Grupo RBS, passou a fazer transmissões ao vivo de alguns programas no Facebook. Com isso, os comunicadores da empresa passaram a ter mais uma ferramenta para transmitir as informações para o seu público. Contudo, a linguagem utilizada para a pessoa que está vendo, não pode ser a mesma para a que está apenas ouvindo. E este era o principal desafio para Silvio Benfica.
SONORA 2	E eu dizia para o Fogaça: o nosso desafio é, ao mesmo tempo que nós estamos mostrando isso para a audiência do Facebook, nós temos que, de forma didática, mostrar para quem apenas está ouvindo, como que acontece esse tipo de movimentação do jogador tal durante a partida. Isto é um desafio. Eu puxei por esse desafio. E tenho certeza que, aliás, se eu não tivesse optado há um ano e meio atrás por sair da Gaúcha, hoje nós estaríamos muito mais avançados ainda neste processo e na interatividade, ainda com a audiência antiga, mas também com a nova audiência.
LOC	Para o futuro, Benfica acredita que por conta dos avanços tecnológicos, os telespectadores, ouvintes e internautas, irão participar cada vez mais das transmissões, emitindo opiniões, e formando um novo jeito de cobertura esportiva. Para ele, o futuro será de um programa esportivo com o jogo de futebol no meio.
SONORA 3	E lá adiante, mais do que nunca, durante o jogo de futebol, daqui há uns 10 anos talvez a gente vai ver isso aí. A jornada se tornando um programa que não vai se basear totalmente na narração de um jogo de futebol. Para mim, nós vamos ter um narrador que comanda, mas com vários jornalistas em torno de uma mesa debatendo, discutindo e interagindo com quem está nas plataformas digitais a respeito daquele jogo. Daqui a pouco dá os lances mais importantes ou um gol, aí entra o narrador. Eu não consigo vislumbrar, daqui a uns 10 anos mais ou menos, só o narrador narrando uma partida de futebol o tempo todo. Acho que isso vai mudar. Mas isso é um pouco da

	loucura da minha cabeça também. Mas eu prefiro trabalhar com loucuras, do que com a mesmice.
LOC	Pelo fato da partida de futebol estar se tornando cada vez mais um espetáculo, associa-se que o esporte deixou de fazer parte do jornalismo para se tornar entretenimento. Benfica defende que a cobertura esportiva não pode se tornar apenas entretenimento, pois isso pode acabar tirando a real essência da profissão, que é a informação.
SONORA 4	É que para mim, ele destoa de um jornalismo um pouco mais criterioso, com mais informação realmente. Hoje está se partido muito para o entretenimento e eu vejo isso um perigo. Não que eu seja contra, e até gosto de assistir programas de entretenimento, mas esse tem o seu momento. [...] Tem espaço para tudo. Agora, eu só acho que o entretenimento não pode ocupar todo esse espaço, isso eu considero um tanto perigoso. Aliás, o entretenimento leva para uma ideia errada do profissional sobre si mesmo. Ele para de achar e de entender que é um profissional da comunicação, para se entender como celebridade. [...] Pode se perder a informação mais criteriosa em função de que eu passo a ser mais importante do que a notícia. Imagina só, que baita erro para um profissional de comunicação.
LOC	O futuro da cobertura esportiva ainda é desconhecido. Contudo, não se pode misturar o jornalismo esportivo, que traz a apuração dados e informação, com um objeto de entretenimento apenas para divertir as pessoas. A essência jornalística deve ser mantida. Com isso, chegamos ao fim da nossa série de podcasts sobre as transformações na cobertura esportiva em três épocas. Muito obrigado pela atenção.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalista vive de desafios, e os novos jornalistas, vivem cada vez mais. Esta foi a frase dita por Silvio Benfica em entrevista para este trabalho de conclusão de curso. Baseado nesse argumento, foi desafiador entender que existe um processo de transformação na linguagem e na cobertura esportiva no decorrer dos anos, tentando mostrar o quanto isso impacta na transmissão das partidas e nos programas esportivos.

Para alcançar este objetivo, o desafio era conseguir alguma referência que pudesse falar sobre o tema e montar uma série de podcasts que apresentasse as transformações de linguagem e tecnológica ao longo dos anos. Aliado a isso, colocar informações sobre a participação do Grêmio na disputa da Copa Libertadores da América, que pudessem contextualizar as épocas e suas dificuldades na cobertura.

Além disso, construir um roteiro que pudesse levar a opinião e a informação também foi desafiante. Tendo que filtrar os principais assuntos, a fim de colocar o melhor conteúdo dentro dos programas de forma que não ficasse cansativo, fosse de fácil compreensão e que contemplasse tudo que fosse importante. Outra questão foi o fato de fazer toda a edição dos podcasts, aprendendo a utilizar as ferramentas, para entregar o melhor trabalho possível.

Durante todo esse processo de muito aprendizado, pude aprimorar ainda mais as técnicas jornalísticas, absorvendo ideias e conceitos que serão levados para a minha trajetória profissional. Muito do que foi conquistado se deve à opção em fazer deste trabalho de conclusão de curso um projeto prático, o que foge da monografia tradicional.

Ter a oportunidade de produzir uma série de podcasts acaba agregando muito para o futuro na profissão. Tive que lidar com a pressão de cumprir prazos, produzir textos, fazer contatos com fontes, receber respostas negativas, além de fazer a produção do próprio podcast, escolhendo as melhores falas e organizando tudo de uma forma que ficasse compreensível e com conteúdo.

Foram muitos percalços ao longo do caminho. O esforço em busca das entrevistas e na criação de um produto “do zero” acabou gerando, na minha visão, um trabalho mais difícil de ser executado – porém, muito mais recompensador.

Este trabalho mostrou que a linguagem em si pode não ter sido alterada, o que mudou mesmo foram os avanços tecnológicos que aprimoraram a forma de conduzir uma jornada esportiva, facilitando a sua transmissão. As mudanças também partem muito de forma individual de cada jornalista, seja ele como repórter ou narrador, colocando o seu estilo de trabalho nas transmissões.

Entender como funcionava a cobertura esportiva no passado foi de extrema importância. Nascermos na era digital e, muitas vezes, não sabemos das dificuldades que outros profissionais enfrentaram para conquistar seus objetivos e fazer evoluir a profissão de jornalista esportivo. Assim como o meio em que este material está disponibilizado, como um podcast, outros tantos meios irão surgir ao longo do tempo – e devemos estar sempre nos aprimorando e aperfeiçoando.

8 REFERÊNCIAS

ALBEX JÚNIOR, José. **Shownarlismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

ALMEIDA, Vitor Pereira de.; RODRIGUES, Cecília. **Análise do conteúdo jornalístico da revista Carta Capital**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, 2015.

AZEVEDO, Núbia. PRATA, Nair. Entretenimento, Informação e Humor: O conceito de INFOtenimento na *fanpage* Premier League da Depressão. **40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba-PR, 4 a 7, setembro, 2017, p. 1-15.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**. São Paulo: Ática, 1990.

BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo; Editora Contexto, 2006.

BERTRAND, Claude-Jean. **A deontologia das mídias**. Bauru: EDUSC, 1999.

BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira. Globo Esporte São Paulo: Ousadia e Experimentalismo no Telejornal Esportivo. **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba-PR, 4 a 7, setembro, 2009, p. 1-12.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2011.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEJAVITE, Fabia Angélica. A Notícia light e o jornalismo de infotenimento. **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, Santos-SP, 2007.

DEJAVITE, Fabia Angélica. **INFOtenimento: Informação + entretenimento no jornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2006.

DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas da pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. **Distinções Educativas entre Rádio e Podcast**. Prisma.com, 2012, p. 1-23.

JORGE, Carlos Francisco Bitencourt e VALENTIM, Marta Lígia Pomim. **Informação e Esporte: A Informação Esportiva e sua relação com Clubes de Futebol**. Inf., Londrina, v. 20, n. 1, p. 183 - 208, jan./abr. 2015.

PADEIRO, Carlos Henrique de Souza. O infotainment aplicado ao jornalismo esportivo: entrevista com Fabia Dejavite. **Fatec-Itaquaquecetuba**, São Paulo-SP, jan/jun, 2015, p. 9-18.

PADEIRO, Carlos Henrique de Souza. O Entretenimento na construção do Jornalismo Esportivo no Brasil. **VI Congresso de Estudantes de Pós- graduação em Comunicação**, Rio de Janeiro-RJ, 23 a 25, outubro, 2013, p. 1-15.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na era da informação**. Florianópolis: Insular, Ed. da EFSC, 2007.

MELO, José Marques de. **Comunicação social: teoria e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

OSELAME, Mariana Corsetti. **Fim da notícia: o "engraçadismo" no campo do jornalismo esportivo de televisão**. Diss. (Mestrado em Comunicação Social) - PUCRS, Famecos. Porto Alegre, 2012.

SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge dos. **Relações entre esporte e mídia no Brasil**. Caderno de Educação Física, Marechal Cândido Rondon, v. 10, n. 18, p. 75-83, 2011.

SANTOS, Silvia Menezes dos. MEZZAROBA, Cristiano. SOUZA, Doralice Lange de. Jornalismo Esportivo e Infotainment: a (possível) sobreposição do entretenimento à informação no conteúdo jornalístico do esporte. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, mai/ago, 2017, p. 93-106.

TEIXEIRA, Marcelo Mendonça e SILVA, Bento Duarte da. **Rádio Web & Podcast: Conceitos e Aplicações no Ciberespaço Educativo**. Actas Icono 14, Madrid-ESP, nº 4, setembro 2010, p. 253-261.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2008.

UNZELTE, Celso Dario. **Jornalismo esportivo. Relatos de uma paixão**. São Paulo: Saraiva, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA EM 19 DE NOVEMBRO DE 2018, POR TELEFONE, COM O JORNALISTA SILVIO BENFICA.

1. Porque escolheu fazer jornalismo?

Na verdade, a minha principal motivação é caseira, ela surgiu de casa, porque o meu pai trabalhava em rádio, e ele é daqueles radialistas antigos, da década de 50, que trabalhava em serviço de autofalantes, o que era normal naquela época. Para dar uma ideia, o fundador da RBS, Maurício Sirotsky Sobrinho, lá em Passo Fundo, começou também a sua atividade através do serviço de autofalantes. Aquilo era um pulo para as emissoras de rádio, especialmente no interior, o que aconteceu com meu pai. Primeiro, em Santo Antônio da Patrulha, e depois em Osório, onde ele se fixou na Rádio Osório. Passou a ser diretor artístico da rádio e eu, muito novinho, com 8, 9, 10 anos, circulava pelos corredores da Rádio Osório e fui tomando gosto por isso, vendo meu pai trabalhar com jornalismo, e desenvolvi isso realmente para mim. Em determinado momento, com 16 anos de idade, quando meu pai faleceu, e eu segui trabalhando em rádio, descobri que a minha vida era realmente o jornalismo e por aí que vou seguir, e foi o que aconteceu durante muitos anos, cerca de 40 anos, especialmente no jornalismo esportivo.

2. Qual momento foi o melhor dentro da profissão e que te marcou?

Na verdade, quando eu comecei a trabalhar no jornalismo esportivo, eu tive como meta ou objetivo, digamos que três focos: Primeiro, trabalhar como repórter em cobertura da dupla GreNal viajando pelo mundo inteiro, com o Grêmio sendo um foco, e o Inter outro, e isso acabou acontecendo e dando certo pra mim. Eu trabalhei sempre com objetivos, com focos, e consegui realizar esse tipo de sonho com muito trabalho. E o terceiro foco era fazer Copa do Mundo, acompanhar a Seleção Brasileira pelo mundo e por onde ela fosse, e de preferência testemunhando algum título mundial, porque o Brasil, em mais de 80 anos de Copa do Mundo, ganhou cinco competições, e eu imaginei o seguinte: quero testemunhar ao menos uma vitória da Seleção Brasileira sendo repórter. Testemunhei dois títulos. Quer dizer, foi mais do que eu imaginei. Então eu trabalhei com sonho e com foco enquanto eu estava com 16, 18 anos de idade, imaginando que um dia iria trabalhar em uma das rádios grandes de

Porto Alegre, e partir daí me desenvolvendo no jornalismo esportivo parar pode realizar realmente esses sonhos, e tudo, felizmente, deu certo. São quatro Copas do Mundo como repórter, a primeira em 1994, com a Seleção Brasileira o tempo todo, e a última que eu fiz, que foi a Copa do Brasil, fui para o Rio de Janeiro, fazendo como apresentador de programas.

3. Como era a cobertura esportiva em 1983?

Nem em 1995, em 95, a única coisa que se tinha de forma inicial era o uso do aparelho celular para poder de movimentar por todas as partes de um estádio. Essa era a grande novidade. E eu trabalhei na Copa de 1994, e pela primeira vez, 50 dias nos Estados Unidos, com um telefone celular diariamente passando informações. Então essa era a grande novidade. E não existia mais nada. Não existia WhatsApp, não existia Twitter, não existia Facebook, não existia Instagram, enfim, nenhuma outra fórmula que a gente encontra com a maior facilidade em função da explosão da internet na plataforma digital nos dias de hoje. Em 1995, por exemplo, que foi o segundo mundial do Grêmio, e neste um fui, no Japão, mas a única alternativa que se tinha para a comunicação era o telefone celular, ainda sem os recursos de hoje. Olha, eu vou tentar imaginar, eu não estava em Porto Alegre ainda, era muito difícil realmente. Agora, o jornalismo esportivo ele foi, basicamente neste período todo até hoje, evoluindo não exatamente pela sua linguagem, mas evoluindo pelos avanços tecnológicos que foram acontecendo. A linguagem basicamente, com algumas mudanças de formato na jornada esportiva, é o mesmo hoje, digamos assim. Em 1983, o que que se tinha, não se tinha o telefone celular. Se dependia, para a comunicação, se tu fosse fazer um treino, por exemplo, um dia antes da decisão no estádio, onde o Grêmio iria decidir com o Hamburgo, tu teria que sair do estádio e ir para o hotel para pegar o telefone do hotel e fazer contato com Porto Alegre para passar as informações, ou se tu desse sorte, encontrar um telefone disponível no próprio estádio. Teria que disputar um orelhão da vida com vários outros profissionais, outros repórteres, e daí ganhava quem chegava primeiro, para passar a informação para Porto Alegre. Quer dizer, é uma coisa absolutamente primária ao que se tem hoje. Era primária, mas que desafiava acima de tudo, a agilidade, o discernimento, inteligência de um repórter para poder passar as suas informações. No jogo, a transmissão do futebol dependia da linha telefônica para fazer um contato, que não

era tão simples assim, daqui a pouco tu não conseguia ouvir o que Porto Alegre te passava de informação, trabalhando com um retorno atrasado, isso é tu estar trabalhando e ouvir a tua própria voz, a frase que tu fazer, voltava para ti, e tu ouvia a tua voz alguns segundos depois dizendo a mesma coisa que tu já tinha dito. Quer dizer, era uma dificuldade absolutamente extraordinária. Era um desafio, mas um desafio maravilhoso, porque eu acho que acima de tudo, o jornalista esportivo, repórter, vive disso, de desafios constantes. Hoje com mais facilidades para a comunicação, mas naquela época de uma forma absolutamente primária.

4. Como era o acesso aos jogadores?

Era mais fácil. Naquela época não existia a figura da entrevista coletiva como acontece nos dias de hoje. Naquela época, terminava o jogo, tu entrevistava os jogadores na saída do campo, depois eles iam todos para os vestiários, tu ia para a porta do vestiário, esperava lá 15, 20, 30 minutos para os jogadores tomarem banho, aí abria a porta do vestiário e tu entrava vestiário a dentro para entrevistar tanto os jogadores como o técnico, que normalmente tinha sua salinha ali. Então tinha sempre 4, 5 repórteres. Hoje são mais de 20, no mínimo, em função de todos veículos de comunicação que existem. Naquela época, basicamente era a reportagem de rádio. Então o técnico tinha a sua salinha, ficavam ali 4 ou 5 repórteres, esperando para cada um fazer a sua entrevista individual com o técnico, e podendo com o seu microfone fazer movimentos dentro do vestiário entrevistando os jogadores. Hoje nada disso acontece.

5. Quais os principais avanços que tiveram para 1995?

Era basicamente isso. E eu repito, não estou falando da linguagem, da evolução ou na mudança da linguagem, e até mesmo no formato de uma jornada esportiva. Eu estou falando mais sobre a aparelhagem técnica a disposição de um repórter. Em 1995, a novidade era essa. Em 1994, como eu falei, eu pude trabalhar o tempo todo com o telefone celular, aliás, que não falhou nunca durante os 50 dias. Aqui de Porto Alegre, tu trabalhando ligando para fora, é certo que teu telefone celular ainda hoje vai dar problema para ti em determinado momento. De lá para cá, não! E em 1995, no Japão, foi exatamente assim. Tanto que quando a decisão do Grêmio contra o Ajax foi para os pênaltis, eu consegui entrar no campo e eu estava próximo da goleira, na

pista atlética, onde os pênaltis estavam sendo cobrados. E já estava com o meu telefone celular ligado, conectado com Porto Alegre, caso o Grêmio vencesse o jogo, fosse campeão Mundial, eu teria condições de invadir o gramado para ouvir os jogadores e transmitir a festa dos jogadores porque eu tinha um celular a disposição para fazer isso aí. Infelizmente deu errado, o Grêmio perdeu nas penalidades máximas, a gente evidentemente que sentiu fazendo o trabalho, mas não conseguiu dar a ideia de emoção de um clube gaúcho e brasileiro sendo campeão Mundial.

6. Era privilégio de alguns veículos contar com o celular?

Não, não, não. Basicamente todos os veículos de comunicação já trabalhavam com essa tecnologia no início da década de 90, trabalhando com o telefone celular. Houve um momento em que, na Copa de 1998 nós já levamos o celular daqui, mas na Copa de 1994 cada um pegou o seu aparelho apenas lá nos Estados Unidos, em um contrato que foi feito com uma empresa de telefonia e pegamos o telefone lá para poder fazer normalmente esse trabalho, mas todos tinham o celular a disposição.

7. Quais mudanças ocorreram na linguagem e na cobertura esportiva?

Sendo um pouco mais crítico e eu trabalho com isso, recentemente fiz um seminário, e eu quero seguir trabalhando com isso, nesse aspecto, para que todos, especialmente os estudantes de jornalismo, comecem a se preparar para isso. Porque eu vejo o formato de uma jornada esportiva com algumas mudanças, mas incrivelmente muito parecido ainda com a década de 80 e 90. O que mudou? Pode ter mudado a linguagem do narrador esportivo. Porto Alegre lidava com seu melhor narrador na época 70, que era o Armindo Antônio Ranzolin, que foi um dos principais narradores na história do rádio gaúcho. Aí surgiu uma linguagem diferente, através de outro narrador, o Haroldo de Souza, que hoje está na Rádio GreNal, que veio de Belo Horizonte, fez a Copa de 1974, na Alemanha, e o Paulo Santana conheceu ele lá, conheceu o modo como ele narrava, que era uma mudança, digamos, revolucionária na relação com o que se faz até hoje no rádio, se bem que essa revolução também vai envelhecendo. E o Santana convenceu a direção da RBS a trazer o Haroldo de Souza para cá. Ele chegou em 1974 e foi aquele negócio, aquela surpresa geral, algo diferente na narração de futebol, o que era interessante e precisava daquilo mesmo. Então, houve uma mudança aí de linguagem na narração, de um narrador para outro,

e isso de certa forma foi acontecendo até hoje. Onde esteve a mudança? Na narração. O comentário? Basicamente o mesmo. A reportagem? A mesma. Aí todos, basicamente dependiam do seu talento para criar alguma coisa diferente durante o jogo. Porque o formato de uma jornada era o mesmo e, de certa forma, é até hoje. Algumas poucas coisas mudaram, e eu tive a chance de mudar, pois fui sempre angustiado e indignado com isso. E cada vez mais, pelo que ouço hoje, precisamos avançar! Em função de uma nova audiência que está aí e que é completamente diferente da passada, porque a passada ficava quatro horas ao redor de uma mesa, tomando cafezinho, ouvindo rádio antes, durante e depois, ouvindo o que tinha acontecido no jogo. Hoje não. Hoje tem uma audiência absolutamente inquieta, angustiada, que faz muitas coisas ao mesmo tempo durante um jogo de futebol e o desafio maior dos veículos tradicionais é como penetrar no território dessa nova audiência. Eu tive a chance de fazer uma mudança porque eu ficava extremamente angustiado com os intervalos de qualquer jogo de futebol onde ficava 15 minutos o narrador lendo texto, chamando o comentarista, chamando o repórter. Quando entrava o comentarista, ele fazia o chamado bifão de 10 ou 12 minutos, descrevendo todo o primeiro tempo do jogo, e até pouco tempo era assim. Eu dizia que isso era velho demais, pedia para mudar os intervalos, até que eu consegui na Copa do Mundo de 2014 fazer isso aí e criei o programa chamado Bola Parada, no intervalo do jogo, para ser muito mais dinâmico, para lidar com mais informações, para sair o narrador e entrar um apresentador do Bola Parada, lidando com fatos pontuais com o comentarista e não deixar tudo com ele. Isso não existe mais, ninguém mais aguenta isso. As pessoas querem o máximo de informações possíveis. Uma informação tu tem que passar em 30 segundos, um minuto, 10 segundos, chama o comentarista para ele dar uma opinião a respeito e é assim que se lida com a informação hoje e especialmente com o jornalismo esportivo. Então sempre fui indignado por isso, essa mudança começou aos poucos a acontecer, mas também ainda de forma embrionária. Tem muita coisa para mudar. E o que me chama atenção é que os veículos de comunicação, quem dirige, os gestores, não conseguem enxergar essa realidade a sua frente. Por isso é que eu estou, sempre que possível, lidando com os novos jornalistas, os estudantes de comunicação. Pois esses vão entrar no mercado e precisam propor novidades assim que entrarem em qualquer um dos veículos de comunicação.

8. Como foi a ideia do programa Bola Parada?

É que tu tens, em um intervalo de jogo, e o que eu enxerguei foi o seguinte. Eu tenho a concorrência da TV fechada especialmente, colocando imagens a todo momento, mas para quem está no estádio, eu tenho a concorrência do celular. O celular, durante 15 minutos de um jogo de futebol que está parado, ele é uma arma que está à disposição do torcedor no campo. Aquilo ali exerce um fascínio, tu olha para o celular porque tu sabe que vai ter uma série de informações. E eu sempre pensei o seguinte: nós precisamos criar um programa ágil e dinâmico, que impeça esse torcedor de buscar as informações no telefone celular, porque ele sabe que vai ter um canal, se ele tá ouvindo no rádio, por exemplo, um canal a disposição para ter exatamente isso. Então é por isso que eu falo sempre na palavra desafio. O jornalista vive de desafios. Os novos jornalistas, cada vez mais. Quando eu estava na rádio, e lidava com jovens jornalistas, eu sempre dizia para eles o seguinte: me surpreendam porque eu posso surpreender vocês a qualquer momento. Mas me surpreendam! Não façam a mesmice de sempre. Eu vou entrar lá e vou fazer assim porque sempre foi feito dessa forma. Não! Daqui há 10 anos ele vai estar na mesma situação. Então, quero um jornalista inquieto, que surpreenda, surpreenda ele próprio, que apresente alternativas, porque se o rádio ou veículo de comunicação onde ele estiver, mantiver a mesma ideia antiga de uma jornada esportiva, se optar por isso a emissora de rádio, esse jornalista já sabe que ele vai avançar, porque ele sai dali e vai avançar para outros desafios ainda maiores.

9. Como foi ter que se adequar à uma época em que os torcedores participam das transmissões através das redes sociais?

Eu nos meus últimos momentos, no ano passado, decidi sair por causa dessa angústia. Pensava que fora eu poderia fazer muito mais coisas, e felizmente estou conseguindo. Mas quando eu estava lá e ainda via isso, eu dizia: olha, nós precisamos mudar, combater isso aí. Combate, como já falei, por exemplo, pela mudança no intervalo da jornada. Daqui a pouco eu comecei a fazer um trabalho com o Gustavo Fogaça, porque há uma novidade no que se diz respeito ao perfil de novos comentaristas. Há até, de certa forma, um duelo à parte. Comentaristas com ideias e formatos antigos, conservadores, e eu não vou dizer que isso não tenha sua validade,

ainda tem. A experiência também é importante. Mas tem comentaristas que trabalham baseados em números, que avançam e que é uma coisa que para mim sempre foi importante, eu procurei imaginar o seguinte: o encontro desses dois perfis. Então, no programa Balanço Final, que eu apresentada depois das jornadas esportivas, eu criei com o Fogaça, que é um cara que passa o jogo todo no computador, vendo os movimentos dos jogadores para que a gente tenha uma ideia melhor de como foi essa movimentação e por onde o time, daqui a pouco, conseguiu ganhar. E a gente projetar isso em uma televisão, que eu tinha dentro do estúdio da Gaúcha, mostrando isso, mas ao mesmo tempo sabendo que eu tinha muita gente assistindo pelo Facebook, era apenas o início, o programa era transmitido pelo Face, mas também havia muita gente que só estava ouvindo pelo rádio, não ia conseguir ver aquilo ali. E eu dizia para o Fogaça: o nosso desafio é, ao mesmo tempo que nós estamos mostrando isso para a audiência do Facebook, nós temos que, de forma didática, mostrar para quem apenas está ouvindo, como que acontece esse tipo de movimentação do jogador tal durante a partida. Isto é um desafio. Eu puxei por esse desafio. E tenho certeza que, aliás, se eu não tivesse optado há um ano e meio atrás por sair da Gaúcha, hoje nós estaríamos muito mais avançados ainda neste processo e na interatividade, ainda com a audiência antiga, mas também com a nova audiência.

10. O que se perdeu e se ganhou com o avanço da tecnologia?

Cara, eu vou te dizer assim, que a gente pode concluir que se perdeu alguma coisa. Eu acho que é possível ter o melhor do formato antigo juntando com aquilo que está acontecendo como revolução a partir do avanço tecnológico. Eu não tenho dúvida nenhuma. Então, o que é o melhor do formato antigo? É especialmente a qualidade e o talento dos comunicadores, dos profissionais mais antigos. Porque se o rádio de antigamente tinha todas essas dificuldades, que não se tem hoje em razão do avanço tecnológico, o que eu vejo no rádio antigo, e ainda tem muitos por aí, é um perfil de profissional absolutamente talentoso. Que sem nada desses recursos, venceu e andou o mundo todo. Hoje é fácil de andar pelo mundo. Naquela época, 40, 50 anos atrás, não. E esses jornalistas só faziam isso em razão da sua capacidade, do seu talento, do seu discernimento. Então, não se pode perder isso aí. Lá atrás tem muito talento, mais do que muitos de hoje, mesmo com toda aparagem tecnológica. Então o que a gente tem que fazer, é juntar a experiência com a novidade. Na realidade, não

chegou. Se a gente tiver esse tipo de visão, na minha opinião, a gente pode concluir que não se perdeu nada lá, e se está ganhando muito hoje. Porque também hoje há muitos desses jornalistas antigos que conseguem absolutamente se adaptar a essas novas tecnologias e aí nós temos um profissional ainda mais capacitado.

11. Quais serão os principais desafios e o que esperar da cobertura esportiva para o futuro?

Hoje, eu imagino pelo que está acontecendo, que ali adiante, cada vez mais vai se avançar em um formato de uma jornada esportiva. Eu sempre falei para os narradores, e falo até hoje, que eles têm que ter consciência de que não estamos apenas em uma jornada esportiva, estamos em um programa esportivo com o jogo de futebol no meio. Então nós precisamos, durante esse jogo, e antes e depois, trabalhar com muitas informações e análises rápidas, mas também durante o jogo. Não adianta chamar o comentarista só para ele dizer como ele está vendo esse jogo. Tem que pontuar para o comentarista. Esse é um pequeno detalhezinho no comando de um narrador. Mas lá adiante eu te confesso que eu acho que em função de tudo que acontece de avanço, especialmente da TV fechada, o avanço das plataformas digitais, onde todo mundo assiste o jogo, todo mundo tem a sua opinião, e tu tem que estar preparado para dividir a tua opinião com quem está assistindo, porque com a interatividade essas pessoas, esses ouvintes, telespectadores, internautas, eles também dão a sua opinião. E lá adiante, mais do que nunca, durante o jogo de futebol, daqui há uns 10 anos talvez a gente vai ver isso aí. A jornada se tornando um programa que não vai se basear totalmente na narração de um jogo de futebol. Para mim, nós vamos ter um narrador que comanda, mas com vários jornalistas em torno de uma mesa debatendo, discutindo e interagindo com quem está nas plataformas digitais a respeito daquele jogo. Daqui a pouco dá os lances mais importantes ou um gol, aí entra o narrador. Eu não consigo vislumbrar, daqui a uns 10 anos mais ou menos, só o narrador narrando uma partida de futebol o tempo todo. Acho que isso vai mudar. Mas isso é um pouco da loucura da minha cabeça também. Mas eu prefiro trabalhar com loucuras, do que com a mesmice.

12. Acredita que a jornada esportiva se transformará em entretenimento?

Eu não sou contra o entretenimento, mas eu acho que o entretenimento tem o seu

espaço específico. É que para mim, ele destoa de um jornalismo um pouco mais criterioso, com mais informação realmente. Hoje está se partido muito para o entretenimento e eu vejo isso um perigo. Não que eu seja contra, e até gosto de assistir programas de entretenimento, mas esse tem o seu momento. Assim como um jornalismo um pouco mais crítico como que acontece hoje, e evidente que se tem que avançar, ele também tem que ser preservado. Porque se não nós vamos viver só do entretenimento, que está ganhando um espaço muito grande, mas daqui a pouco em uma transmissão de futebol, nós vamos ter apenas o entretenimento e eu acho isso muito ruim, muito perigoso. Acho que há espaço para todos. A Rádio Atlântida, quando transmite um GreNal, transmite com o seu perfil de entretenimento. Ao mesmo tempo que as outras emissoras de rádio tradicionais transmitem com o seu perfil. Tem espaço para tudo. Agora, eu só acho que o entretenimento não pode ocupar todo esse espaço, isso eu considero um tanto perigoso. Aliás, o entretenimento leva para uma ideia errada do profissional sobre si mesmo. Ele para de achar e de entender que é um profissional da comunicação, para se entender como celebridade. E isso, especialmente aqui no Rio Grande do Sul, onde para mim não existe celebridades, o que existe aqui são profissionais da área da comunicação, muitos entendem que são celebridades e isso acaba determinando um caminho muito perigoso a ser seguido. Porque aí tu está trabalhando apenas com aquela ideia de que sou melhor, que todos terem tirar selfies comigo, eventualmente pegar algum autógrafo e me acho celebridade. Não! Aqui todos somos profissionais da comunicação e quando entra o entretenimento em campo, esse caminho começa a ficar perigoso. Pode se perder a informação mais criteriosa em função de que eu passo a ser mais importante do que a notícia. Imagina só, que baita erro para um profissional de comunicação.